

# Conclusões do Seminário

Foi encerrado ontem o Seminário "Brasília: anos oitenta". No marco histórico, destacou-se a presença da senhora Sarah Kubitschek, em memória do seu marido, o Fundador.

Durante uma semana foram debatidos todos os temas, sem qualquer censura, disse-o muito bem o governador Aimé Lamaison. O clima de abertura, correspondendo ao atual contexto nacional, foi honesto, cordial e objetivo. Pessoas de opiniões às vezes divergentes conviveram digna e construtivamente.

Aos céticos, que o julgam insuficiente por tratar-se de debate talvez acusado de elitista, lembrem-se que têm sido muito mais as elites, que o povo, as responsáveis pela exaltação política. Se também elas aprenderem o respeito mútuo, o exemplo será oportuno e fecundo.

Não se argumente, além disso, que as discussões versaram sobre temas distantes da realidade. Muito pelo contrário. O chefe do Gabinete Civil do GDF, Paulo José dos Santos, frisou, de passagem, que os resultados do Seminário serão levados em consideração. Os secretários de Estado e dirigentes em geral do Distrito Federal compareceram com assiduidade às reuniões. Foram expositores e espectadores atentos.

Deste modo, Estado e sociedade comunicaram-se como nunca antes na vida brasiliense, tida e havida, em parte com razão, como fechada a este tipo de intercâmbio. O Governo do Distrito Federal deve ter percebido que os professores, jornalistas, estudantes, artistas e profissionais liberais em geral da capital da República respondem positivamente à abertura do Presidente Figueiredo. Passo importante será, em seguida, a representação política de Brasília em termos a serem estudados, conforme admitiram o ministro Abi-Ackel e o senador Lázaro Barbosa, este último durante o Seminário.

Na última sessão, dois dos expositores enfatizaram, um, a importância da referida representação contribuir para atender as reivindicações dos seus futuros eleitores no sentido de descentralizar os órgãos da administração indireta rumo às cidades-satélites e, outro, a competência de Brasília como fonte de informação jornalística sobre o Poder.

Certa pergunta indagou acerca do tipo brasiliense em geração histórica. Recebeu a

resposta que ele já começa a existir e parece compor-se basicamente de nordestinos, mineiros e goianos, majoritários na formação demográfica. Outra indagação deu margem a um registro sociológico da tendência brasiliense a religiões messiânicas, desde Yokenaan, que precedeu a própria fundação, às seitas que venderam contatos de terceiro grau em geral, sejam futuristas ou folclóricas.

Brasília é um dos poucos lugares onde o futuro começou, embora sem o triunfalismo dos superotimistas. A cidade tem problemas crescentes, mas possui também uma paralela consciência, rara noutras lugares.

Ao término, foi exibido um filme, em parte já histórico, e por outro lado a caminho de transformar-se nisto por completo. E que mostra, de início, a região antes de receber a capital, depois as principais etapas da sua construção e, por fim, a Brasília atual. Seria de desejar sua exibição no circuito de cinemas, em todo o país. No momento em que o GDF e a Embratur desencadeiam uma campanha nacional em favor do turismo, nada mais oportuno. Inclusive porque sua apresentação necessariamente não atrairia mais imigrantes, pois tem autocrítica para reconhecer de público as nossas limitações.

A imprensa acompanhou os passos do Seminário. Sua marcha foi divulgada em pormenores. A platéia nada teve de passiva: participou com todo tipo de dúvidas. Recebeu as respostas. Foi uma condigna promoção cultural, com implicações práticas.

Seu exemplo pode vir a ser fecundo. Não se deve temer o contato entre Estado e sociedade. Só o debate, livre e responsável, constrói a democracia.

Que outros encontros se sucedam, sobre os mais variados temas. Brasília precisa tomar parte nas suas decisões, para que funcionem. Já se foi o tempo quando os brasilienses eram cobaias, afirmou-o outro orador do Seminário. Mesmo com todo brilhantismo dos planejadores, isto não se justifica. Os planejados têm direito, e até a obrigação, de manifestarem-se. O técnico prossegue válido, na proporção em que admite a participação. Todas as classes sociais terminam acertando, numa complexa operação algébrica, ao praticarem a democracia.